

Por trás, uma "guerra médica"

Houve uma 'guerra médica' cujas armas foram os boletins e muita coisa ainda tem de ser explicada lado a lado pelas circunstâncias políticas e médicas do caso, mas posso afirmar que, no caso dos médicos, eles estavam preocupados, em primeiro lugar, com sua reputação, em segundo com a saúde do paciente e em terceiro com a opinião pública." As palavras são de uma fonte da Nova República. "Num determinado momento", acrescentou, "havia nos jornais mais notícias a respeito da guerra médica, que propriamente sobre o estado de saúde do paciente." A crua verdade: os médicos se desentendiam e Tancredo Neves piorava.

ERROS E OMISSÕES

A disputa era para encobrir erros e ocultar da Nação o real estado de saúde do presidente eleito. A sucessão de erros e mentiras começou antes mesmo da primeira cirurgia e teve a convivência do próprio paciente, que desejava tomar posse e cuidar da saúde depois. Ele escondeu enquanto pôde as dores abdominais, pelo menos por quatro dias. Também preferiu ser internado em Brasília, reconhecidamente limitada em termos médicos e hospitalares, a vir para São Paulo. Por culpa até de Tancredo, a atitude dos médicos — segundo a mesma fonte do governo — foi no mínimo negligente, pois a família não foi avisada em tempo para que ela pudesse convencer o "doente" e não o "presidente" a se internar antes do quadro agravar-se.

A segunda operação visava a reparar os erros da primeira. A terceira aconteceu porque a segunda apresentou efeitos complicadores. Isso a família de Tancredo pode confirmar, ou o SNI ou mesmo outras fontes. Diverticulite de Meckel? Tumor benigno? Leiomioma de cólon? O presidente eleito lutava contra a morte na UTI do Instituto do Coração e a verdade da primeira cirurgia ainda não é de todo conhecida.

O FIM DO PACTO

Os jornais das últimas três semanas trouxeram as informações "técnicas" sobre a série de erros e levou um dos médicos de Brasília a desabafar: "Eles (os médicos de São Paulo) romperam o nosso acordo". Um fato: por um bom tempo o pacto era calar sobre o que tinha realmente acontecido. Omissões dos boletins divulgados em Brasília: nada sobre o não-funcionamento dos intestinos do paciente, nada sobre a extirpação de um "leiomioma" (a biópsia comprovou que era benigno) junto com o divertículo, silêncio sobre problemas pulmonares, nada sobre a elevação

da frequência cardíaca para 140; idem sobre a prisão da alça intestinal na ruptura das fibras musculares nem quanto à hemorragia gástrica. Pelo contrário, a intenção era passar um quadro otimista, o presidente eleito se recuperava bem, não havia motivos para apreensões. Deste acordo participaram os médicos, membros do governo e a família do presidente eleito. Mas a verdade não podia permanecer encoberta indefinidamente. Tancredo foi removido para São Paulo, recebendo soro e sangue.

SEGURANÇA E PONTE

Um dos três médicos que tiveram contato direto com o esquema armado no Hospital de Base de Brasília acha que, em São Paulo, a coisa continuou do mesmo jeito: "Não dou nomes — disse —, mas veja uma coisa: quem foi acompanhar o presidente em São Paulo em nome do governo? O general Ivan de Souza Mendes,



O BRASIL SEM TANCREDO

chefe do Serviço Nacional de Informações". Além de coordenar a segurança do presidente eleito, segundo esse médico, o general fazia "a ponte entre o seu estado de saúde e o governo". E acrescenta: "Nos momentos de agravamento do estado do presidente nos pós-operatórios, Ulysses Guimarães, presidente da Câmara dos Deputados, foi presença permanente e marcante no Hospital de Base de Brasília, de onde saía para reuniões de articulação política".

INQUÉRITO E PUNIÇÃO

Também envolvido na "guerra dos médicos", o diretor do HBB, Gustavo Arantes, declarou, no dia 26, que um inquérito administrativo apuraria as divergências entre os médicos Henrique Pinotti, que passou a dirigir a equipe que atendia Tancredo, e Pinheiro da Rocha, autor da primeira cirurgia. Já os erros propriamente ditos só serão objeto de

investigação e posterior punição dos culpados se alguém formalizar uma denúncia ao Conselho Federal de Medicina. A mesma fonte da Nova República que fala da "guerra médica" acredita que, se este é um país sério, a verdade será inteiramente desnudada e punidos todos os responsáveis pelos erros médicos.

O MEDO DE BRASÍLIA

Ficou famosa a frase do deputado Magalhães Pinto (PDS-MG): "O melhor médico de Brasília é a Varig, a Vasp..." No entanto, nem todos os políticos estão dispostos a falar assim tão abertamente sobre as deficiências do corpo clínico e dos hospitais da capital do País. O próprio presidente da Câmara dos Deputados, Ulysses Guimarães, não dava importância ao conceito que Brasília goza nesta área e mostrava-se otimista nos primeiros dias de internação do presidente eleito: "Há injustiça. Tancredo recebeu tratamento adequado. Se houve erro médico foi a impossibilidade de operar antes, pois ele queria primeiro a posse".

Aos 37 anos, o deputado José Tomaz Nonô (PFL-AL) diz que correrá direto para o Aeroporto Internacional ao primeiro sinal de problema de saúde, por não confiar na "Medicina tupiniquim", mas observa que o problema é a falta de equipamentos. Desde os dez anos, Nonô é cliente do dr. Renault. "Mas tenho uma saúde de ferro", assegura.

O senador Alfredo Campos (PMDB-MG), 42 anos, suplente que assumiu a vaga de Tancredo no Senado, atesta: "Meu filho teve uma nefrite em Brasília e não pude levá-lo para São Paulo pois estava quase em coma. Um médico o tratou como se fosse uma infecção de garganta. Houve erro grave. Ai, outros assumiram e ele se saiu bem. Foi triste, não foi brincadeira não. Nunca procurei o serviço médico do Senado. Nem tenho ficha lá".

Fernando Henrique Cardoso, 53 anos, líder do governo no Congresso, não tem dúvida: "Qualquer problema, tomo o avião e vou para São Paulo". E ressalta: "Não tenho preconceito, mas depende muito da familiaridade e dos recursos materiais. O problema não é o médico, mas o Hospital das Clínicas é o mais equipado do Brasil". Após uma cirurgia de emergência em 1973, na Suíça, onde estudava, Roseana Sarney Murad, filha e secretária do vice-presidente em exercício José Sarney, fez mais três, no Rio e São Paulo. A última, em 82, teve semelhança com a do presidente eleito: "Sei o que o dr. Tancredo passou. Fiquei 55 dias no hospital".